



## ‘Anas’ e ‘Mias’ em *Blogs* na *Internet*: a Exposição de Si na Contemporaneidade<sup>1</sup>

Camila Braga Medina<sup>2</sup>  
ECO/UFRJ

### Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar os primeiros resultados da análise de um fenômeno contemporâneo que se apresenta de forma surpreendente na *internet*: a existência cada vez mais significativa de *blogs* e de comunidades virtuais denominadas *pró-anas* e/ou *pró-mias*, ou seja, que defendem a prática da anorexia ou da bulimia como estilo de vida. Tal análise se dará a partir do estudo de que modo as tecnologias de comunicação, que propiciam a ocorrência desses fenômenos, e a maneira como se constitui a sociedade atual estão associadas às novas formas de ser e estar do sujeito contemporâneo e ao cuidado de cada um com seu próprio corpo.

### Palavras-chave

Anorexia; Bulimia; Subjetividade; Cuidado de si; *Blogs*.

### Introdução

Muitas vezes é mais fácil encontrar evidências de características presentes em determinada época a partir de acontecimentos, fatos ou ambientes que, de tão simples ou corriqueiros – ainda que surpreendentes –, tornam-se quase invisíveis ou desinteressantes tanto àqueles que procuram explicar a sociedade através de grandes episódios (e por isso desprezam as pequenas invenções e relações do cotidiano), quanto àqueles que, embora se disponham a observar esses acontecimentos, tentam explicá-los ingenuamente, descolando-os da atualidade e do que significam para tal sociedade. Desde seu surgimento, a *internet* tem sido vista às vezes como uma gigantesca inovação, que iria transformar o mundo substancialmente, outras como apenas mais um meio de comunicação e informação, simplesmente mais aprimorado ou ‘evoluído’.

Distanciando-se desses pensamentos, este ensaio propõe um outro olhar, que se concretiza na análise de *blogs* de meninas que se declaram (ou pretendem se tornar)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Tecnologias da Informação e da Comunicação

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ) com o projeto de pesquisa “Corpo, subjetividade e tecnologias da comunicação”. Endereço eletrônico: [camilabmedina@yahoo.com.br](mailto:camilabmedina@yahoo.com.br).



*anas* (anoréxicas) e *mias* (bulímicas)<sup>3</sup>, considerando a *internet*, assim como qualquer outro dispositivo técnico e social, uma das expressões possíveis em um tempo que é construído e se constrói permanentemente a partir de determinadas forças e relações de poder específicas. Assim, nem os modos de interação social, nem as subjetividades ou modos de ser, nem as aparências ou formas identitárias podem ser consideradas as mesmas daquelas que eram vistas há até bem pouco tempo atrás. Não porque são determinações sociais ou tecnológicas diferentes, mas por que se constroem através de outros discursos, outra dinâmica, outros valores que agem e se expressam a partir de novos diagramas e possibilidades. Muitas das situações e práticas as quais assistimos hoje podem não ser simplesmente coincidências, mas dependem de toda uma nova configuração social que se faz presente no mundo ocidental contemporâneo, ainda que não totalmente diversa da modernidade. Assim, podemos traçar continuidades e descontinuidades que sugerem a existência de um novo diagrama de forças e de novas relações de poder. Nesse sentido, acredito não ser oportuno considerar os *blogs* como meros diários nem como uma ‘invasão consentida’ de privacidade, já que aqueles parecem fazer parte da emergência de outros estatutos de privacidade e do olhar do outro. Não seriam, portanto, simplesmente, uma nova forma de publicação de um privado, mas uma transformação mesma do que é privado e público, e de que maneira o ser humano se constrói e se sociabiliza a partir daí.

São essas novas formas de subjetivação e sociabilidade que serão retratadas aqui, a partir da observação das forças que as constituem e, principalmente, de suas expressões, ou seja, daquilo que não é mais uma simples virtualidade, daquilo que, do diagrama, já se tornou possível, concreto, ‘real’. Tomaremos então o caso dos *blogs* citados acima como uma dessas concretudes que tornam evidente a transformação do sujeito e do corpo, e sua passagem para um momento já diferente da modernidade sob diversos aspectos. Como podemos perceber ao analisar esses casos específicos, atualmente os indivíduos parecem ter suas subjetividades cada vez mais atreladas à exterioridade, ao corpo e à aparência física. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa, assim como as novas tecnologias de comunicação, não só influenciam na produção desses novos sujeitos, como também acabam se tornando o lugar privilegiado

---

<sup>3</sup> Há um vocabulário específico entre aqueles que se denominam *pró-anas* e *pró-mias*. Além de *ana* (às vezes com um n, às vezes com dois), que pode significar tanto anoréxica quanto a anorexia, e *mia*, também podendo ser tanto a bulimia quanto uma pessoa bulímica, há *carbo*, que significa carboidrato; *no food*, ou NF, que quer dizer ficar sem comer absolutamente nada sólido (somente água e chás); *low food*, dieta de baixíssima caloria (cerca de 300 kcal); e *miar*, que significa vomitar logo após a ingestão do alimento.



de onde eles se expõem e se legitimam. Essa exposição, no entanto, não parece ser como na modernidade, quando um indivíduo, ao revelar o seu íntimo em diários, confessionários e consultórios, mostrava a si mesmo ou a um outro específico sua interioridade secreta e verdadeira (e, portanto, autêntica), mas sim uma busca por um outro tipo de visibilidade, em que o sujeito que se mostra não quer ser mais visto por uma autoridade ou por um especialista, mas por indivíduos comuns, assim como o que se coloca como verdadeiro e autêntico é menos sua interioridade do que aquilo que ele aparenta ser ou gostaria que fosse. Como afirma Fernanda Bruno (2005):

Se a Modernidade produziu uma topologia da subjetividade e do cotidiano que circunscrevia o espaço privado e seus diversos níveis de vida interior – casa, família, intimidade, psiquismo – a Atualidade inverte esta topologia e volta a subjetividade para o espaço aberto dos meios de comunicação e seus diversos níveis de vida exterior – tela, imagem, interface, interatividade. (2005, p.64-65)

A escolha pelo fenômeno de *blogs pró-ana* e *pró-mia* se justifica não só por este evidenciar, de formas muitas vezes chocantes, as características já comentadas, mas por estar crescendo significativamente na internet. Em pesquisa preliminar<sup>4</sup>, através do site de buscas *Google*, foram encontradas 1.990.000 ocorrências para as palavras chaves *blogs+ana+mia* quando procuradas em toda a web, e 129.000 ocorrências quando a pesquisa se limitou às páginas do Brasil. Analisando 0,1% destes resultados (ou seja, 129 ocorrências), pôde-se perceber que um pouco mais da metade são de *blogs pró-ana*, sendo a outra metade composta por *blogs* em geral que apenas citam o fenômeno ou por *sites* que apresentam matérias sobre o assunto. Se tomássemos livremente esse resultado como padrão, poderíamos deduzir que, circulando em toda a *web*, estaria hoje quase um milhão de páginas pessoais desse tipo.

### **Corpo e subjetividade na sociedade atual**

Muito além do organismo, meramente biológico, o corpo é o lugar onde a linguagem e a cultura se fazem presentes. Assim sendo, não existe subjetividade sem o corpo, vivido e situado historicamente, e por isso a importância de vê-lo como lugar prático de controle social e de estudar suas relações com o poder. Segundo Michel Foucault (1987), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes

---

<sup>4</sup> Realizada em 03 de abril de 2007.



muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (1987: 118), o que faz com que a história das técnicas de intervenções do corpo humano seja também a história de como a sociedade tratou o cuidado de si e do próximo. Tais intervenções ocorreram, principalmente, como forma de adaptação social e cultural do corpo, atravessando, portanto, todos os âmbitos que correspondem ao relacionamento com o outro e consigo, tais como as técnicas de produção, trabalho, comunicação, estética e consumo. Também de acordo com Gilles Deleuze (1992), as técnicas desenvolvidas pelo homem sempre tiveram grande importância, seja por corresponder ou, de certa forma, determinar o tipo de sociedade da qual faziam parte e, mais além, os próprios indivíduos desta. Como ele mesmo exemplifica, as sociedades de soberania (tradicionais) manejavam máquinas simples, como roldanas e relógios; as disciplinares recentes eram equipadas por máquinas energéticas; enquanto que, hoje, as sociedades de controle operam por máquinas de informática e computadores. Observar tais variações tecnológicas e associá-las a práticas sociais de determinados momentos históricos pode nos ajudar a perceber que, embora semelhantes, tais ações possuem sentidos e estatutos diversos nas diferentes sociedades. Assim podemos, ao falar sobre o corpo humano, delimitar dois momentos (o moderno e o atual) para estudá-lo, no intuito de perceber discontinuidades e entender certas práticas em relação a ele.

Para Foucault, é na modernidade (descrita por ele como uma sociedade disciplinar) que “nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente” (1987: 119). E é por isso que, nesse momento, vemos surgir novas ciências como a fisiologia, a educação física e a ergonomia, incentivando o aumento da saúde e da resistência do corpo, para que ele pudesse servir como uma máquina de produção. Mas, para o filósofo, a vigilância e a disciplina não se dão apenas no âmbito corporal, e sim dependem de todo um processo de subjetivação e interiorização, onde o olhar do outro constitui um olhar sobre si, situando o campo de visibilidade no interior do próprio sujeito. Assim, diferente do modelo das sociedades de soberania, quando o olhar incidia sobre os que detinham o poder (a nobreza e o clero), na modernidade o olhar é desviado para aqueles sobre quem o poder é exercido. O modelo do panóptico permite que os indivíduos internalizem a norma e ajam segundo uma ‘interioridade’, que passa a ser o terreno privilegiado da intimidade e da subjetividade.

Segundo Fernanda Bruno (2004), na contemporaneidade, a subjetividade vai



deixando de se constituir no âmbito do secreto, do íntimo, para se relacionar à exterioridade, ao corpo físico, o que pode ser observado na visibilidade cada vez maior dada ao indivíduo comum. Com o advento das novas técnicas de comunicação e informação, o corpo já não é percebido como antes, visto que seus limites estão cada vez mais dispersos e fluidos, mas não mais livres de mecanismos de controle e poder, que hoje se configuram através não só do uso dessas novas técnicas, mas também do consumo. Assim, por um lado, o surgimento dos meios de comunicação de massa e, principalmente, da televisão, faz emergir um novo dispositivo de poder e vigilância, onde muitos vigiam poucos e não mais poucos vigiam muitos como ocorria no modelo do panóptico. Por outro lado, o crescimento de programas de ‘realidade’ confessionais, onde pessoas comuns expõem seus problemas, faz com que qualquer um esteja novamente visível, mas agora não mais pelo panóptico e sim nas telas de TV e dos computadores (nestes através dos *sites* de relacionamento, *chats*, *webcams*, *blogs* pessoais e também através dos sistemas de vigilância eletrônica, cada vez mais difundidos) (BRUNO, 2004). De acordo com Fernanda, “os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’ (...) o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si” (2004: 116). Nesse sentido, podemos dizer que, se na modernidade a aparência estava vinculada à superfície, à exterioridade e à máscara, enquanto a autenticidade – ou a identidade ‘verdadeira’ do sujeito – estava na interioridade (BRUNO, 2004), hoje aparência e identidade se confundem, fazendo com que esta se torne cada vez mais instável, provisória e mutável, ocupando diversos espaços da vida ou se revezando em diferentes momentos (HALL, 1992).

Diante disso, de acordo com Jurandir Freire Costa (2004), o ser humano recorre ao corpo como critério de identidade e o individualismo narcísico e hedonista elege o corpo e as sensações como os depositários dos valores pessoais. Com o aprimoramento das técnicas científicas, a humanidade passa a acreditar que deve controlar o desgaste biológico, não devendo envelhecer e podendo deter a morte, aumentando a longevidade. Essa cultura das sensações é então a base pela qual se sustenta que a felicidade é adquirida através do consumo, fazendo com que o controle sobre o indivíduo não se exerça mais pela norma ou coerção do corpo, mas pela sedução. A partir daí, pode-se dizer que estamos assistindo ao surgimento de uma sociedade de controle ou do risco, onde o corpo, virtualizado, é um bem a ser explorado nas suas capacidades de provocar



sensações (VAZ, 2002). Os limites do corpo não seriam mais impostos pela culpa do indivíduo, internalizada por alguma espécie de vigilância, mas pelos riscos que se corre – e pelo medo provocado por eles – na busca do prazer.

Assim, muitos autores afirmam que aquela subjetividade centrada, unificada, calcada em um ‘eu’ íntimo e individualizada, tão própria da modernidade estaria em crise, já que hoje o que vemos é a emergência (ou, em certa medida, o retorno) de subjetividades mais fluidas, cambiantes, instáveis, que se expressam de formas diferentes das vistas até então. E podemos afirmar isso porque, mesmo as práticas de governo estando cada vez mais fundadas no ‘eu’, e o cuidado de si e do outro se deslocando para o próprio indivíduo e não se fundamentando mais na coletividade ou no Estado (ROSE, 2001), não podemos dizer que isso reafirmaria uma interioridade. O crescimento da publicação de manuais de auto-ajuda (e de toda uma gama de produtos ‘auto’) e de práticas de discursos ou narrativas pelas quais a intimidade é exposta podem ser exemplos dessa autenticidade ainda focada em um ‘eu’. Porém há uma mudança significativa entre como esse ‘eu’ se expressava, ou ainda, se constituía na modernidade e como se constitui agora. Essas narrativas sobre a vida íntima, por exemplo, não são mais expostas em uma esfera que poderíamos chamar de privada ou quase privada (confessionários, consultórios, etc), mas ao público na mídia, no grupo, na internet. Ou seja, o reconhecimento não vem mais de uma autoridade, mas do olhar de um outro comum, ordinário, igual. Assim, podemos dizer que, de certa forma, há uma intensificação do ‘eu’, porém corporificado, performático, espetacular e não reflexivo.

### **Os *blogs* e a exposição de si**

Os *weblogs*, ou simplesmente *blogs*, surgiram no intuito de serem ‘diários virtuais’, onde o ‘escritor’ poderia expor toda sua intimidade, confessar seus segredos, etc. Entretanto, mais do que isso, tais ferramentas parecem não só ser instrumentos para tornar visível um ‘eu’ verdadeiro, sem máscaras ou falsidade, mas para criar esse ‘eu’, tão verdadeiro quanto o que é exposto. Não se trata de confessar uma intimidade, mas de construir uma imagem para ser vista pelo outro. Contrapondo tal prática com aquilo que Foucault (1987) percebeu como sendo algumas das expressões concretas do diagrama disciplinar na modernidade (o exame e a confissão), podemos observar que aquela, mesmo tratando de narrativas e exposições de si, possui sentidos diversos daqueles propostos pelo filósofo. Enquanto na confissão um indivíduo comum relatava



sua vida íntima a alguém que estivesse em uma posição de autoridade (médico, padre, psicanalista) e tentava esconder sua ‘verdade’ aos outros cidadãos comuns, nos *blogs*, diários e perfis em comunidades virtuais o que se vê é o inverso. Não só porque o ‘íntimo’ muda a cada momento, de acordo com o humor, ambiente e, até mesmo, dependendo das imagens postadas, mas também porque os outros a quem esses indivíduos se dirigem são iguais a eles, comuns. Entretanto, assim como nos antigos confessionários os fiéis protegiam sua identidade por uma portinhola ou cortina e nos consultórios dos psicanalistas ortodoxos os pacientes se escondiam do olhar do terapeuta ao deitarem-se de costas no divã, hoje são as telas que possibilitam o anonimato daqueles que ‘confessam’ suas angústias na internet. Porém, como dito acima, tal ‘confissão’ não serve para abolir uma culpa ou promover um autoconhecimento, mas para se constituir enquanto sujeito ao olhar do outro. Expondo o perfil em *chats*, *blogs* ou comunidades virtuais, dizendo o que gosta ou não de fazer, como está se sentindo e o que gostaria de ser, o indivíduo (principalmente aquele do fenômeno analisado por este artigo) se coloca no âmbito da própria existência enquanto ser social, já que é só nesse espaço que ele sente poder, de fato, se sociabilizar.

Também podemos observar diferenças existentes entre essas narrativas e a prática do exame na modernidade. Neste, um especialista faz um documentário detalhado sobre o indivíduo, sua personalidade e história, que serviria depois para identificar, classificar e normatizar. Nos casos estudados, entretanto, são os próprios indivíduos que ‘documentam’ sua vida, não a especialistas mas a iguais, num espaço público mediado pela tela. Portanto, esses relatos não podem servir para identificar – ou melhor dizendo, individualizar – já que nunca se tem a certeza de quem é, do nome ou personalidade daquele que escreve, ou se esse alguém existe de fato, de forma análoga ao que é narrado na virtualidade. Também não serviriam para classificar, pois os próprios indivíduos afirmam pertencer a um grupo ou simplesmente justificam sua escolha por um ‘estilo de vida’. Nem para normatizar, visto que não há um padrão a ser seguido necessariamente, apenas opções a serem feitas, e ninguém será punido por não agir ‘corretamente’, mas ficará apenas insatisfeito (ou sofrerá as próprias conseqüências). Assim, o simples fato de uma das jovens se declarar uma *ana*, uma *mia*, ou as duas (o que ocorre em sua grande maioria), já as faz assim. Não há necessidade de diagnóstico, provas ou exames, é simplesmente uma opção. Muito diferente de uma anamnese detalhada, ou de uma retrospectiva histórico-pessoal, as tecnologias de informação promovem um monitoramento, consentido ou não, que atua apenas na



superfície das ações (através dos celulares, câmeras de vigilância, compras por cartões de crédito, narrativas em *blogs* e comunidades virtuais) e do corpo (proliferação de softwares de imagens e câmeras fotográficas digitais, assim como os novos ‘exames’ médicos baseados em tecnologias visuais e informacionais, tais como ressonâncias magnéticas, tomografias, etc).

Essas novas formas de se lidar com o tempo e de narrar o passado, traz uma questão importante, que é a idéia que hoje temos do que é e para que serve a memória. Enquanto na modernidade ela ‘servia’ para a construção de uma história, de um passado que identificava um sujeito, hoje ela deve ser constantemente atualizada e aprimorada, no intuito de se obter mais eficiência e eficácia. Num mundo saturado de informação e no qual o esquecimento é considerado doença ou uma deficiência cerebral (sendo o cérebro cada vez mais comparado a um computador), a escrita de si nos *blogs* pode ser associada a uma busca de superar essa ‘crise da memória’, de contar tudo, todos os dias, para não esquecer e para que o outro tenha acesso aos fatos de sua vida constantemente, ou melhor, a uma busca de se tornar visível por um momento, em todos os momentos. De acordo com Paula Sibilia (2004), isso demonstra uma perda de força na noção de introspecção e retrospectão, já que a memória seria hoje menos uma atualização do vivido (como uma relembração), do que a vontade de recuperar o ‘tempo perdido’. Narrar as ações seria, então, como colecionar tempos presentes, sendo os mais recentes sempre os mais interessantes: “Os blogs exibem, portanto, uma série de fotos fixas, recortes de instantes colados um após o outro. Diversas instantâneas de momentos que vão *passando* mas não se articulam e sedimentam para constituir um *passado* à moda antiga”<sup>5</sup> (SIBILIA, 2004: 14).

Para Renata Baldanza (2006), essa perda da introspecção também tem a ver com a instantaneidade desses novos meios, seja para se expor, para conversar ou para conseguir ‘amizades’. Ou seja, frente a uma angústia na madrugada, por exemplo, não há necessidade de esperar o dia seguinte para ligar para um amigo, escrever uma carta ou um diário sem respostas, ou ainda marcar uma consulta e esperar chegar o dia da terapia. Basta se conectar e ‘desabafar’, pois sempre haverá um interlocutor na rede. Não há mais tempo nem espaço para longas reflexões ou auto-análise, os indivíduos apenas se ligam ou se desligam segundo o interesse do momento. Assim, é importante notar que as relações sociais ocorridas entre aqueles que postam e os que comentam

---

<sup>5</sup> Grifos da autora.



existem quase sempre ali, na virtualidade. No fenômeno estudado, por exemplo, embora as meninas conversem também através de programas de mensagens instantâneas (como o *msn*) ou de comunidades virtuais (como o *orkut*), a ‘amizade’ delas não vai além disso. Logo que o computador é desligado, as *anas* e *mias* voltam a se esconder. Entretanto, a sociabilidade praticada através da tela pode ser considerada ‘real’, na medida em que, segundo Recuero (2005a), nos *blogs*, principalmente pelo sistema de comentários, mas também pela inclusão de *links* em uma lista de *blogs* semelhantes ou conhecidos, existiriam laços relacionais e confiança no ambiente em questão. Segundo a mesma autora, os *blogs* poderiam ser mesmo considerados como comunidades, tendo em vista que “as organizações sociais geradas pela comunicação mediada por computador podem atuar também de forma a manter comunidades de suporte que, sem a mediação da máquina não seriam possíveis” (RECUERO, 2005b: 05).

### **Anas e Mias em *blogs* na internet**

O discurso médico-científico, cada vez mais atuante no que diz respeito ao corpo e a saúde, encontra nos telejornais e nas séries especializadas (principalmente na TV a cabo ou por satélite) um meio de difundir suas descobertas e novas verdades. Em toda a mídia, principalmente nos anúncios publicitários, observa-se a impossibilidade de aceitar o corpo ‘natural’ tal como ele se apresenta. As formas de modificação física e de potencialização das funções corporais são demonstradas como uma necessidade. Para que o indivíduo se sinta realizado, é preciso ter um corpo controlado, gerido por uma autodeterminação e preocupação com os riscos futuros. Não importa o sacrifício de cirurgias, dietas, etc., o corpo que se deseja, totalmente convertido (do sofrimento ao sucesso, do natural ao artificial) e purificado, é a recompensa (HOFF, 2005). Sob o discurso da liberdade de escolha, inclusive no momento de se decidir sobre a própria aparência, esconde-se uma nova forma de controle, respaldada pela ciência: o ideal de corpo saudável e necessário, sem gorduras ou excessos.

Também as novas tecnologias da comunicação propiciam não só a propagação desse ideal, mas se tornam espaços privilegiados em que se pode atingi-lo. Promovendo a dissociação entre comunicação e presença física, elas permitem a mobilidade do corpo, que atravessa fronteiras e estabelece contatos virtuais diversos e laços seletivos (escolhidos pelo próprio indivíduo que se conecta, e não pelo acaso de se encontrarem no mesmo lugar, por exemplo). Essa não organicidade do corpo proporcionada pela



virtualidade faz com que essa idéia de artificialização e purificação seja mais facilmente absorvida e desejada. O corpo pode agora ser corrigido digitalmente e se tornar perfeito, ao menos, em sua imagem. Nesse sentido, segundo Paula Sibilia (2007) o cuidado de si atualmente aparece como aperfeiçoamento da vida física e não mais da vida pública (como na Grécia clássica) ou da vida sentimental ou privada (como no período romântico burguês). O cuidado com o corpo não seria mais o meio pelo qual se atinge uma perfeição transcendente, mas sim um fim em si mesmo, tendo como referência absoluta o próprio corpo, ainda que negando seus aspectos ‘naturais’. O desejo agora é tornar o corpo transcendente – puro e perfeito – na própria imanência. Ocorre que, em busca dessa ‘bio-ascese’, que encontra como instrumento grande parte das novas tecnologias (informacionais e biológicas), o desejo de se atingir a perfeição é tão forte que pode culminar na destruição mesma do corpo orgânico, em prol de um ‘corpo-imagem’ digital, artificial e virtualizado: “o ‘corpo perfeito’ se apresenta como um alvo ao qual todos os membros da nossa sociedade parecem aspirar. Uma meta moralmente admirável, um objetivo pelo qual é preciso se esforçar, trabalhar, lutar e até morrer” (SIBILIA 2007: 12).

É nesse contexto que vemos crescer, cada vez com mais força, o número daqueles que relatam algum tipo de distúrbio alimentar – desde a mínima preocupação com o peso até os transtornos severos, de abstenção alimentar, passando pelas chamadas síndromes parciais (dietas periódicas, vômitos provocados, jejum prolongado, uso de laxantes, diuréticos e anorexígenos, exercícios físicos extenuantes, etc) –, ou recorrem à cirurgias plásticas e intervenções corporais de todo o tipo. Mas, para que tais práticas sejam eficientes, associada ao ideal de pureza do corpo deve estar a busca incessante dos indivíduos pelo autocontrole. Como diz Paulo Vaz, “os valores maiores de nossa sociedade parecem ser, na relação consigo, o bem-estar, a juventude prolongada, o autocontrole e a eficiência; na relação com os outros, a tolerância, a segurança e a solidariedade” (2002: 18). Para ele, o discurso do respeito às diferenças, das muitas belezas e aparências que se podem escolher, exaltadas por diferentes ‘estilos’ de modelos e celebridades, na verdade acaba servindo para constranger aqueles que não conseguem escolher ou conquistar o corpo livre de ‘impurezas’ e ‘imperfeições’. A ‘democratização’ da beleza e a idéia de que qualquer um pode ser belo, desloca a responsabilidade das insuficiências para o próprio indivíduo, que deve se controlar a qualquer custo. Para as *anas* e *mias* da *internet*, este autocontrole é sinal de estabilidade, de uma não entrega aos excessos, à compulsão, ao risco de engordar:

Estou voltando à vida "normal" de anoréxica feliz. Não se sintam impressionadas, mas de ontem de manhã para hoje de manhã, emagreci 1 Kg e 100 gramas. Não, isso faz muita diferença quando se tem mais 24Kg para EXPELIR... mas as calças voltaram a cair e o estômago a roncar, o q me faz imensamente feliz! Estou almoçando, apenas. Tento sempre comer uma proteína e me sinto a vontade para comer algo de noite ou de manhã (o q não aconteceu ontem nem hoje, mas não vou me sentir perdedora se acontecer - COM CAUTELA, né? hehehe) O q eu estou tentando fazer agora é manter o mínimo de comida possível com o máximo de conforto possível. Quero uma dieta q eu fale "Oh! Posso tranquilamente viver assim para sempre!", uma dieta q eu não precise ficar prestando atenção em tudo, toda a hora, e um dia explodir por falta de carbo. Isso é o caminho da compulsão, cruze! Eu quero é ATINGIR o autocontrole, não ficar para sempre em busca dele, vindo-o se aproximar, depois afastar, aproximar, afastar... (NINA)<sup>6</sup>

E se a internet é o local em que o corpo se desloca de sua realidade orgânica para se tornar uma extensão imagética de formas variadas e ideais, é também ali que a exposição de si promove, através de narrativas em *blogs* ou em comunidades virtuais em geral, uma nova formatação do 'eu' e de sua identidade. Segundo Renata Baldanza (2006), é na rede que há maior possibilidade do anonimato, da comunicação sem bloqueios sociais ou preconceitos, de fantasiar e desejar outras maneiras de ser, da ausência de censura e da liberdade perante os compromissos e protocolos provenientes das interações presenciais. No caso dos *blogs pró-anas* e *pró-mias*, isso fica ainda mais evidente, pois a todo o momento as meninas procuram esconder sua identidade (o que na modernidade era visto como o 'eu verdadeiro') utilizando codinomes, pedem para não serem reconhecidas e afirmam só confessar as práticas as que se submetem no espaço público virtual, mentindo para os pais, namorados, médicos e psicólogos. Diferente da modernidade, é no personagem, na máscara, na artificialidade que o indivíduo hoje se sente reconhecido como 'ele mesmo'. Em vez de esconder uma intimidade, um 'eu', as mediações da tela e das práticas artificiais às quais o corpo se submete faz, na verdade, revelar esse 'eu'. É isso o que vemos não só nos *blogs* ou nas comunidades virtuais, mas também em programas de TV que propõem uma intervenção corporal, pois a maioria das mulheres que se submetem a cirurgias plásticas nestes programas afirma, ao se olhar no espelho após a 'transformação', que estão diante de seu verdadeiro 'eu', estando seus corpos agora condizentes com aquilo que desejavam.

Assim, utilizando codinomes tais como Gorda, Nina, Orquídea, Gabi, Twilight, as meninas *pró-anas* se colocam como 'si mesmas', em um espaço onde elas podem se

---

<sup>6</sup> [www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br](http://www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br)

‘expressar verdadeiramente’, de igual para igual, fora das proibições do lar ou médicas. A fala de Nina<sup>7</sup>, apresentada abaixo, mostra que a subjetividade ou o ‘ser alguém’ se encontra no ato mesmo de se mostrar, quando ela diz, por exemplo, que sua ‘pessoa’ seria retomada ao se sentar em frente ao computador e postar em seu *blog* (assim como ler os comentários sobre o que acham dela). Segundo ela, durante os dias em que estava longe desse ambiente virtual, havia sido “outrem”:

Mas com máscaras e maquiagens que mais permitem que eu expresse quem eu sou do q me escondem. (...)

Instintivamente, acordei e pulei para frente do computador, tive impulso de ler os comentários do meu blog, postar alguma coisa. Precisava retomar a minha pessoa, andei sendo outrem por esses dias que desapareci. (NINA)

É também através da tela que as meninas se sentem pertencentes a um grupo social. Muitas delas até mesmo declaram não possuir amigos na ‘realidade’, afirmando poderem confiar apenas nas amigas virtuais, já que elas não julgariam, cometeriam preconceitos... Ao contrário da vida cotidiana, onde teriam que conviver com a vigilância de pais e médicos, e com a culpa ou a vergonha que isso poderia acarretar. Aqui parece também que o intuito seria reduzir ao máximo os riscos de não ser aceita, de sofrer, já que o sofrimento ‘real’ de não ser o que se deseja já se mostra insuportável para essas garotas. Como afirma Bauman: “Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis” (2004: 85). Além disso, pedindo sugestões e dicas (como emagrecer, o que fazer em relação aos pais, aos psicólogos, aos namorados, ao corpo), as *anas* e *mias* buscam constantemente a aprovação e a legitimação de seus pares, justificando-se sempre que alguma declaração possa parecer ambígua ou fora dos padrões adotados pela comunidade. Assim, nesses espaços, o sentimento de pertencimento social se daria através da construção de uma identidade que se torna real pelo simples desejo de assim o ser, ou seja, que se faz presente na virtualidade e se torna autêntica ou verdadeira simplesmente por ser exposta.

Outra observação interessante, e que parece estar presente apenas em *blogs* desse tipo específico, é a de que as meninas não postam fotos delas mesmas em suas páginas (e raras são as que possuem *fotologs*), somente imagens de modelos e atrizes, segundo elas, metas de perfeição a serem alcançadas: “É que 98% dos blogs e sites ana tem pelo

---

<sup>7</sup> [www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br](http://www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br)



menos uma foto de modelo magérrima e semi nua e isto realmente atrai, pq muitas de nós gostaríamos de ter esta liberdade de expor o próprio corpo. Falando sério: quando que eu ia me deixar fotografar de biquíni?! NUNCA!!!!!!” (GABI)<sup>8</sup>. Mais uma vez, é a fascinação pela imagem do outro e a negação do próprio corpo carnal, considerado impuro e imperfeito. Entretanto, para finalizar, é necessário aqui ressaltar o estatuto dado a esse outro. Tanto as imagens de modelos postadas, quanto os interlocutores e pessoas que acessam os *blogs*, estão ali somente como espelhos, para tornarem possível a performance, a auto-realização e o auto-reconhecimento. Havendo ou não exposição de imagens de si, a relação com o outro nesse espaço não provoca conflito (e, caso provoque, pode-se facilmente desconectá-lo) mas apenas permite que o indivíduo se realize. Ele está ali (não importando quem de fato ele seja) no momento em que se quer ou que se precisa, funcionando como um reflexo de si mesmo. É a partir dessa nova dimensão dada ao outro que podemos entender, de acordo com os autores citados, valores da sociedade atual tais como a individualização, o narcisismo, a busca pela superação de limites individuais, o culto ao corpo e a aparência física, e a luta excessiva pelo autocontrole. E é também a partir desses valores, presentes no fenômeno analisado, que podemos vê-lo como uma forte evidência de transformações nas formas de ser e estar do sujeito contemporâneo.

---

<sup>8</sup> <http://gabiproana9.zip.net>



## Referências Bibliográficas:

BALDANZA, Renata Francisco. **A comunicação no ciberespaço**: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. In: **Revista Famecos**: mídia, cultura, tecnologia. Número 24. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

\_\_\_\_\_. Quem está olhando? Variações do público e do privado em *weblogs*, *fotologs* e *reality shows*. In: **Contemporanea**, vol. 3, número 2, p.53-70. Julho/ Dezembro 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Tecnologias, memórias e esquecimento**: da modernidade à contemporaneidade. 2005. Disponível em:  
[http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005\\_mf.pdf](http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_mf.pdf) Acesso em janeiro de 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. [1987]

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. [1977]

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. [1992]

HOFF, Tânia. O corpo imaginado na publicidade. In: **Cadernos de Pesquisa - ESPM / Escola Superior de Propaganda e Marketing**. Vol. 1, número 1 (maio/junho de 2005). São Paulo: ESPM, 2005.

OGDEN, Jane. **The psychology of eating**: from healthy to disordered behavior. Blackwell Publishing, 2003.

RECUERO, Raquel. (2005a) **Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no orkut e nos weblogs**. 2005. Disponível em:  
[http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005\\_rr.pdf](http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_rr.pdf) Acesso em janeiro de 2007.

\_\_\_\_\_. (2005b) **Comunidades em redes sociais na internet**: um estudo de uma rede *pró-ana* e *pró-mia*. Faro, Valparaíso, v.1, n.2, 2005.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SIBILIA, Paula. **A vida como relato nos blogs**: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do 'eu'. 2004. Disponível em:  
<http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/PaulaSibilia.pdf> Acesso em junho de 2007.



\_\_\_\_\_. **Imagens do corpo perfeito:** o sacrifício da carne pela pureza digital. 2007. (Artigo ainda não publicado).

VAZ, Paulo. Um corpo com futuro. In: Pacheco, A.; Cocco, G. e Vaz, P. (Orgs.) **O trabalho da multidão**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002, v.1, p. 121-146.

\_\_\_\_\_. **Corpo e Risco**. 2002. Disponível em [www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/55/minhas\\_publicacoes/pvaz5.pdf](http://www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/55/minhas_publicacoes/pvaz5.pdf)  
Acesso em maio de 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza:** como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

**Site:**

[www.google.com.br](http://www.google.com.br)

**Blogs citados:**

(Acesso em julho de 2006)

NINA - [www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br](http://www.buscandoaperfeicao.blogspot.com.br)

GABI - <http://gabiproana9.zip.net>